

17.06.21
→ 22h00

T

A

G

V

POESIA

declAMAR Poesia



O coletivo declAMAR Poesia é composto por cinco elementos (Vanda Ecm, Olga Coval, Catarina Matos, Lurdes Telmo e Rui Amado) que têm em comum o gosto pela poesia e decidiram começar a fazer leituras partilhadas, num ambiente intimista, criando assim um espaço informal de encontro com pessoas de ostos afins.

De regularidade tendencialmente mensal, sempre à 5ª feira, pelas 22h00 (a pontualidade é uma característica do evento), o declAMAR Poesia foi criando lentamente um público que é tão fiel quanto variado e variável. Combinou já a poesia com a música alargando assim o espetro inicial sem o desvirtuar e, em tempos de confinamento, reinventou-se organizando em parceria com o TAGV uma sessão online.

A estrutura do evento mantém-se: o coletivo escolheu uma seleção de poemas e partilha a sua leitura com o público. Finda essa ronda inicial, haverá como habitualmente um período de microfone aberto para quem queira vencer a inércia da timidez e ler poemas próprios ou alheios. O desafio é sempre lançado nos mesmos termos: "Não tenham medo, o microfone não morde".

Curadoria e leitura dirigida pelo coletivo declAMAR Poesia Catarina Matos, Lurdes Telmo, Olga Coval, Rui Amado e Vanda Ecm **Coordenação** Luísa Lopes, Marisa Santos **Fotografia** Luísa Lopes

Local TAGV –Sala Zoom **Duração** aprox. 1h00 **Acesso** livre

I

VANDA ECM (Sem título – Rui Almeida)

Um osso que dê sorte e possa
Ser roído quando nada
Mais houver a fazer pelos indigentes
De cada dia.
Ou as sobras
Do pão mais duro até ficar
Ralado. «Queres ser Famoso, premiado, influente,
Reconhecido em todo o mundo? Queres Ganhar dinheiro E ter poder?»
Um osso pequenino,
Um amuleto trincado
Com a descrição dos hipócritas,
Com o medo entre os dentes, a boca
Suja de mel e tristeza.
Ou grande,
Seco, enorme e fóssil,
Que possa esclarecer a anatomia
Mais difícil da angústia colectiva.
«Queres ter um carro, dominar
Os teus semelhantes?
Queres beber
Até cair, foder sem limites?
Queres Ser feliz?»
Dura cartilagem
Insistente nos molares, perene
De saliva e tumefacção da língua até
Ao fio de baba, à sonolência.
Osso Auxiliador do consolo,
À temperatura do pasmo e da frustração,
Suplemento de cálcio para roer, para
Debicar com contentamento, flor Arredondada em rótula, lisa.
Um
Ou dois
Pedaços de borracha em forma de tibia
Para o mesmo efeito; com a forma de um sexo
Ou de outra qualquer inutilidade, para roer,
Para acalmar o tédio e a fúria, a dormência
E o cansaço.
«Queres morrer?»»

OLGA COVAL (A corrida de 100 metros - Gonçalo M. Tavares)

Vejamos o mundo.
Exércitos, lugares onde se sofre,
sacrifícios da mãe pelos quatro filhos, o erudito de óculos a
examinar
o filme pornográfico,
o velho de um passo lentíssimo com o casaco exagerado,
uma criança a troçar de outra mais fraca,
o casal a discutir por causa do ruído dos pés de um
e da sensibilidade do ouvido do outro,
e no meio de tantos factos e de tão diversas possibilidades

oito homens com calças curta e números nas costas
correm cem metros
- nem um centímetro a mais – e ganham ou perdem.
E uma vitória, por exemplo, pode levar alguém a curvar-se
e a chorar. E o assunto são cem metros de espaço do Mundo.
Pensa, por exemplo, no espaço de um país
ou no espaço da tua casa,
ou no espaço que percorres atrás da rapariga
que te largou a mão no meio da cidade;
porém nada mais há em alguns instantes, para esses homens,
além de: cem metros. Cem metros de espaço no planeta.
Vejam, pois, o Mundo outra vez.
Como quem lê pela segunda vez um livro. Voltemos atrás.
Vejam onde o homem perdeu a razão.
Em que momento.

CATARINA MATOS (Arte Privada – Luís Quintais)

Deveria ter feito da minha música um amor mais silencioso
como se de uma arte privada se tratasse.

A ti, a quem falo de poesia, a ti
que assistes ao desenrolar de qualquer coisa que não compreendes
respondo-te que também eu não compreendo,
que não há nada para compreender,
porque nada nos condena à fala
antes que as palavras aconteçam.

Por exemplo, esse poema começado numa manhã de Junho
e nunca terminado: um princípio de Verão,
a janela que dá para o alcatrão sem tráfego serpenteado pelas colinas.

A rua de dia da semana
e o arquipélago da solidão despertando
para as poucas coisas que procuro
e que o poema irá entretecer
se entretecer.

A virtude que, cega,
vai conhecendo o seu caminho.

Desprende-se um fio luminoso da impossibilidade das palavras,
e se ficarmos tristes não era para ficarmos,
pois não existem momentos irrepetíveis.

Eles aninham-se no sangue
e voltam a mergulhar-nos na experiência
um dia de Verão, um bosque, colinas
onde a serpente de alcatrão se enrola
A ausência de tráfego como motivo.

A pouco e pouco vou recuperando a gravura.
Agora que sei que havia uma ave sobre as colinas
pois há sempre uma ave, ou a sombra dela,
nos meus poemas. Que havia água,
o cheiro das inusitadas chuvas
pela manhã de Junho.

O rumor da imagem colado aos dedos.
O ocre escuro das areias espalhado na mesa
é um símbolo da infância,
mas não o reconheço ainda.
O poema é uma enumeração que não teve lugar,
que nunca terá. Eu, à beira do fracasso,
não o reconheço ainda.

Enquanto isso tem lugar em mim o advento
do que me define,
e o barro de que sou feito, coze por dentro.

LURDES TELMO (O coelho de Alice, Estação do Cais de Sodré)

A pressa não é o teu destino. Esta
Figura que se repete é de uma outra
Margem, longe de ti. Não foi
Para o tempo que nasceste, não
É de horas ocupadas a tua vida,
Nem de acertos e desencontros,
De lugares ou de funções.

Não é de vozes a chamar-te
O teu silêncio. Se se aperta
O teu peito terás de recolher-te,
Escutar, tecer com a boca fechada
A língua em que dizes. Não corras,
Não dispenses a energia do teu sangue,
Repousa e cresce, como crescem

As árvores. O teu destino não é
Produzir. O que nasce das tuas mãos
Vale mais do que os girassóis deslumbrantes
Ocupando a paisagem, mais do que
O voo abandonado do milhafre
Elegante. A pressa finge a falta
De dor, simula a fecundidade.

O teu destino é dizer palavras sonoras,
Soprar para dentro de um búzio
E dar-lhe vida. Tens no corpo a memória
Da luz. O teu destino
É contares as estrelas uma a uma
E entrega-las aos que passam,
Respirar o nome de cada um

RUI AMADO (Apontamentos sobre o latir dos cães – Rui Pedro Gonçalves)

Corre, bicicleta, corre.
Varre as folhas dos meus joelhos esfolados e diz-me porque é tão
curta a estrada,
Que foi inaugurada há cinco minutos e já se fez noite.

O caminho é de cinza e o pasto secou
As ovelhas emagreceram como os dentes gastos das velhas pretas
de roupa e de luz.
As árvores bailam quando curvas o guiador.
Serão salgueiros?
Nem vi, tal a pressa dos rebuçados
Que se derretem nos bólsos descalços
Da rotativa vida a cem à hora
Ou que a roda permitia.

A geografia muda
Como varia a ementa em casa,
Uma diferença no modo como se fazem as torradas
E as sopas com mais ou menos sal
Como convém aos velhos, senhores de razões.

Os anos dançam no esquecimento de muita coisa.
Morreu o cão,
Mas o gato imita-o. Pede comida e atenção
Na melancolia deste dia de Dezembro
E vai à rua no cio das gatas
E cruza telhados cheios de musgos e de salitre.

O meu corpo vai mudando.
É menos veloz, mais acostumado ao lento modo
De chegar á sala e pedir sono.

Já não recebo telefonemas
Ou quem me liga
Vende pacotes de imagens ou prestações de suor
Com um pequeno sorriso pelo meio,
A servir de garantia

Ainda amo.
Ainda sonho com um verão de nespereiras.
Ainda tenho uma bicicleta obsessiva
No rebentar das ondas do mar
Da minha solidão.

Ainda oiço o latir dos cães,
quando se faz noite.

E foi um dia como outro qualquer.
Um dia para juntar ao jogo das paciências
E dos calendários.

Para descontar ao tempo.

II

VANDA ECM (Os Jacarandás – Leonel Ventorim)

Eu quero é que se fodam os jacarandás se tu aqui comigo não estás.
Eu quero é que se fodam os jacarandás desta rua tão bonita
se tu aqui comigo não estás
a beber refrescos com vista para a cidade ao longe
e ao perto tão certo estão nossos corações a bater tum tum tum tum.

Eu quero é que se fodam os jacarandás se tu aqui comigo não estás
a dizer disparates que rimem com tomates
e o nosso amor ser daqui do Tejo ao Eufartes
e segredarmos receitas secretas
de como cozinhar o amor de mil maneiras
e tonteiras saudáveis.
Para o inferno com os jacarandás (que eu tanto aprecio)
se tu não me olhas pela manhã
com aquele olhar semi-adormecido e acordado
num sonho colorido comigo ao lado
se tu não me beijas
língua torta de café em brasa
melhor adoçante do mundo.
Os jacarandás que se fodam se tu não nua comigo
ou embrulhada num vestido bonito de noite ou de dia
e eu a assistir de camarote
ao acender do archote que é tua visão de passarela
a ver-te vestir devagar pela manhã
observando-te num afã de mais voltas e voltas
e do armário tiras aquela blusa que tanto gostas
e que realçam ainda mais teus olhos já de si palácios feitos de jóias preciosas.
Quero é que se fodam os jacarandás desta rua em que sozinho coração em riste
passo triste
porque não estamos juntos como deveríamos estar
e agora para aqui amarrado em pensamentos obscenos
e engenhos pirotécnicos de amor
que até ocultarão a luz do luar em noites que ainda virão
e a ouvir os pássaros felizes de primavera quase Verão
quando na verdade quero é que se fodam os jacarandás
quando não estamos juntos mão na mão a ver televisão,
bebericando chá,
mordiscando biscoitos de canela e tecendo comentários sobre a vida
como ela é cruel mas por vezes bela.
Que se fodam também os arco-íris os unicórnios os ursos pandas
se tu comigo ao meu lado não andas.
E vejo um homem que passeia um cão trela numa mão
e saco de plástico na outra
e uma borboleta voa
e ladro ao céu que me cobre como a querer que se quebre
pois apesar de belos
eu quero é que se fodam os jacarandás
se tu comigo aqui ao meu lado não estás.

OLGA COVAL (Um Dizer Ainda Puro – Vasco Gato)

imagino que sobre nós virá um céu
de espuma e que, de sol em sol,
uma nova língua nos fará dizer
o que a poeira da nossa boca adiada
soterrou já para lá da mão possível
onde cinzentos abandonamos a flor.

dizes: põe nos meus os teus dedos
e passemos os séculos sem rosto,
apaguemos de nossas casas o barulho
do tempo que ardeu sem luz.
sim, cria comigo esse silêncio
que nos faz nus e em nós acende
o lume das árvores de fruto.

diz-me que há ainda versos por escrever,
que sobra no mundo um dizer ainda puro.

CATARINA MATOS (Ele teme não ter amor para o tanto que ama - Daniel Jonas)

O que te faço desta alegria com que te olho?
Perder-te seria inglório, cuidar-te parece pouco.
Que faço, o que te faço,
se ultrapasso o que sinto,
da transfusão me transbordando
e mais temo o fracasso
de não saber chamar o nome
ao que desamo de tanto amar?

Talvez que eu em mim já não exista...
Que vivas, provas que há vida
pra lá de mim;
porém não podes tu apenas ser quem sejas
e seres, resplendente,
a sombra do perdão.
O que fazer às coisas que eram antes...
Que te olho de lá de mim!

Que a alegria tomou conta das alegrias
esboroou a crosta do pão da noite
e deu a ver o miolo azul do dia
e um girassol de luz por entre as nuvens!
Que o pouco de mim que eu era
entornou-se e fez-se grande
e a baleia quis pulmões no lento mar
pra respirar-se em se afundar de si...

Não sei o que me faça deste tanto que me apouca.
Que fazer? Que as montanhas são tão altas!
Como dançar com gigantes?
Que loucura de se ter!
Quando me esqueceres, por Deus, não me esqueças!
O espelho fez-me novo já tão velho...
Desliga a máquina a este sonho.
O meu coração mais puro do que eu!

LURDES TELMO (Talvez seja essa certeza – António Amaral Tavares)

Talvez seja essa certeza pouco esperada de morrer
que nos faz lembrar os caminhos cruzados da tarde.
Hoje é domingo as folhas de erva doem e há frutos
Que nunca amadurecem. Gostaria que de mim não

restasse muito. Pareço perder o sentido
mas não. Que restasse luz seria pedir demais.
Poeira seria bastante mais plausível. Isso

ou uma palavra. Lavada

RUI AMADO (Sem título – Miguel Martins)

Ao sair da prisão, esperavas-me,
com uma ostra fresquíssima sobre as palmas das mãos.
Será sempre essa a imagem que guardarei de ti,
quer fiquemos juntos para sempre, como dizem os padres,
quer partas para a China mais longínqua, que é o coração de outro homem.

Depois de cinco anos cimentado,
rodeado pela música torturante de respirações sem freio e sem paz,
trouxeste-me o mar a uma terra interior,
onde até os homens livres, até as crianças, caminham de cabeça baixa.

Por isso, nunca te darei prendas no Natal ou no teu aniversário:
nada se poderia comparar àquela lágrima feliz e vagamente sólida
que, nesse dia, me desceu pela garganta até ao sítio indeterminado
em que nos distinguimos das feras.

Posso apenas tentar confundir-me com o tapete do corredor,
com a torneira da cozinha, com o creme que pões na cara,
de manhã ou à noite,
e deixar que me dêes o uso que te parecer melhor,
ou que não me dêes uso algum,
e aproveitar cada minuto dos teus gestos mais leves,
que, também eles, se assemelham ao mar,
quando as noites são calmas e o luar o ilumina
na baía Cádiz.

III

VANDA ECM (Sem título - Miguel Martins)

Há poetas assim, uns gramas de aletria, fina e doce,
traficados como se fossem cocaína pura.
Alimento energético, é certo,
adequado ao passo de galope com que esperam chegar a algum lado e,
ao mesmo tempo,
agradável ao olfacto de quem nunca suou, nem sequer a foder.
Massa e açúcar, como disse,
muito,

mas também o leitinho da infância, um toque exótico a canela do Ceilão
e o ingrediente secreto, que pode ser qualquer coisa
e dizem as más línguas
que é apenas uma irreprimível vontade
de parecer interessante.

Sim, há poemas que só se assemelham ao remate perfeito de uma consoada
vulgar, antes de cada um regressar a casa,
maldizer a família e dar início à gestação de umas saudades nobres,
que aguardarão um ano pela matança.

Melhor dizendo, parecem-se com tudo menos com poesia,
essa grainha de uva alojada na cárie de um molar,
que há que suportar só com morte interior,
porque essas coisas acontecem sempre
quando todos os dentistas se mascaram de renas
e vão passar uns dias à puta que os pariu.

OLGA COVAL (Sem título – Pedro Guilherme-Moreira)

os velhos do café estão
todos voltados para a
televisão
e de costas para o jardim
eu não
eles são transparentes
para mim
eu não sou transparente
para eles
o futebol evolui
lentamente sobre a minha
cabeça
porque a mesa está no
vértice do teatro
sob o palco
eu no proscénio
os plátanos lá fora
(não tenho culpa de que
sejam plátanos
outra vez)
oscilam e a noite
vacila
a noite só vacila no
inverno
quando engole as tardes
e o tempo
e sente culpa
e engorda
pelo dia
dentro
eu não devia ter raiva dos
velhos que se perfilam
na plateia do café
nem eles de mim
nem eles desprezo
por estes dedos que

batem
poemas
os plátanos lá fora
golo
a escorrer sangue
grande golo
as veias abertas

na cidade
o povo
a afogar
os carros atolados na
margem
mas que grande, grande
golo
na sala foi o poema
(não os velhos
o futebol ou
os plátanos)
que fodeu a tarde toda

CATARINA MATOS (Sem título – Valter Hugo Mãe)

Baralho as letras sobre a página assustada. Disperso
Entre os dedos a tinta com alguma solenidade. De cada vez que uma
palavra surge, encaro-a, asseguro-me do que significa.
Depois estremeço e escondo o medo de ser mesmo a mim que se
Dirige. Por vezes olho durante horas para a mão na esperança de
entender quando se vai mexer. Mas assim que se mexe é como se
os olhos se fechassem e eu não pudesse entender mais nada. Até
que o movimento se conclua e a palavra reste consumada

LURDES TELMO (Casas – Daniel Jonas)

As casas. Sonho com as casas.
Sonho com as casas de dentro
e passo pelas casas habitando-as por fora
e penso que as casas são sentenças
que me condenam à liberdade.

As casas. Sonho com as casas.
Gostava de as habitar a todas
e a cada uma delas
e a voar com as asas de dentro
visitante de outras vidas,
vivendo-as e não se me fecharem
como uma blusa ao olhar que se lhes atira
de passagem,
estores que caem como guilhotinas
decapitando o horizonte.

Eu sinto o coração das casas
E voo-me para elas dentro
Como um pássaro que mergulhe na vidraça
E entre num azul mais penetrante.

As casas. Sonho com as casas.
Observo-as e por instantes
são minhas e minhas todas
as vidas que eu ensaio
porque de mim sempre me saio.
As casas. Condenam-me a não serem minhas.
Bah! Condeno-as a não terem asas.

RUI AMADO (Errata – João Rasteiro)

O homem principiou por amar em deus;
à medida que adolesceu sobre o orvalho julgou-o sob o pó e sentenciou-o;
por vezes desobriga-o do fogo e perdoa-o na oblação do sangue;
em desespero concebeu-se existência imprópria para a inocência do mundo:
névoa por entre a névoa.

Na esfera armilar das criaturas com fala
- é sempre tão sublime blasfémia um poema –
deus e homem sempre principiam por uma coisa infinitamente obscura
em sua trágica e desmesurada beleza do logro.

Há criaturas tão insanas sobre a respiração ofegante da terra,
sobre a derradeira visão do axioma da rosa, da fé que se fareja,
que só se poderá revelar deus nos brancos tendões do homem
ou sob o primeiro logro de um ímpio verso

E será só isso que lhe sobejará em sua anomia sagrada.

O homem e deus são o relâmpago do incansável caminhante
sob uma única metáfora sem haste,
o ilusório olhar do evo. Princípio e fim. Nada

IV

VANDA ECM (Desde Artaud: Um e-mail – Miguel Manso)

À décima noite em Paris
sonhei que viajava enfim para
Paris

Chove
a noite entra na casa
na mesa de trabalho dois copos vazios de Suze
à frente um poster de Artaud que demorei a
decifrar

à direita
um desproporcionado mapa-mundo onde
quase só há oceano (custar-te-ia crer também
no intrincado jogo de palavras de um cartaz
na parede do lado esquerdo)

a imaginação pode ser fatal
lembro a primeira frase de Os passos em volta
onde

querendo se enlouquece

a estranha posição de um homem fotografado junto à
Torre de Saint-Jacques que se apresenta há muito
tapada em lento trabalho de restauro

há uma baleia perdida
subindo o rio Amazonas em direcção a quê
uma multidão em Bagdad rising from the
typewriter of William S. Burroughs

é tarde
a noite tomou esta sala de silêncio como se
fosse crude devagar pelo casco de um navio
no fundo do mar

escrevo-te desde Artaud até à saudosa
casa nos arredores de Amesterdão onde terás chegado hoje
uma casa que conheces bem onde sabes o lugar
dos pratos dos talheres a tonalidade

das estações nas janelas

a casa já não é tua, mas
reconheces o conforto dos sofás
o prazer antigo de estar na sala
o avançar tímido da luz no soalho

como dizia
sonhei que viajava enfim
para Paris

falo de um tempo de espera
de um delay entre a matéria e a consciência
o éter o tempo em que vão cair as pétalas a
todas as palavras a
todas as palavras
a todas as
palavras

OLGA COVAL (Sem título - Amadeu Liberto Fraga)

de tanto praticar o quase, é em branco que vou à tua porta.
desço a serrúbia e finjo que entro, depois de me cortar
distráido na fechadura. chamo por ti e as paredes riem de
mim. as palavras estão lá, o tempo empenhando a vergasta
na tinta somente. as fundações estão fartas do silêncio de
não estares. sei que o banco onde espero por ti, eugénio –
vista para as palmeiras –, não voltará a ignorar o teu peso.
um miúdo, era um miúdo quando passava por ti tentando
fugir ao crepúsculo nos pedias da minha bicicleta. tu,
sempre eugénio, continuarás a sê-lo depois de mim. as

palmeiras e as gaivotas trazendo nas asas contornos de salitre dão o seu aval, enquanto fazem pouco de mim por usá-las ainda. os meus pés acalmam indemnes após o fogo da caminhada. a mão que me arrepiava a espinha de tanto a aguardar, tu sabes, não virá. já não importa, estarás em toda a parte

CATARINA MATOS (Gnossiene nº1 - Rui Pires Cabral)

Eu acreditei que podia amar
o teu corpo, o teu modo de insinuar o coração
nas palavras. Mas era apenas a forma como a noite
sublinhava as superfícies, eu nunca pude atravessar
essa espessura. Estavas ali para te dispores aos meus sentidos
mas crescias fora de alcance no teu próprio
pensamento. Uma distância que só serviria
aos lobos, um mau caminho arrancado às fragas.

Já só conhecia os dias onde tu os frequentavas, o sítio
em que me mantinhas era mais urgente
que o sangue. Sem dúvida que vinhas pelo meu desejo
mas eu perdia sempre alguma coisa
quando te ganhava. Às vezes era só
a minha vontade, outras vezes era toda a frase
do meu nome.

LURDES TELMO (Sem título - José João Sardinha)

é quando se tiram
todas as palavras ao silêncio
quando se torna ensurdecido
o coração no peito
e as veias são as cordas
para aportar um barco
é quando o olhar afunda
o sol no infinito e a lua
no reflexo da água brilha
lá dentro como um grito
é quando todas as vozes
se afastam como um eco
tomamos o pulso livre à terra
com o nosso corpo
nos damos à noite
como um segredo ao ouvido
que tudo em redor do nosso amor é tão pequeno.

RUI AMADO (Sem título – André Tecedero)

Hoje recuei porque julguei ver
uma moeda na calçada e
na memória regressei àquela tarde,
estudante, rua Garrett e sol.
Dei a única moeda que tinha
a uma miúda de mão estendida
que ma devolveu em imediato ricochete,
muita força contra a minha perna
Porque a achou tão pouca.
Recordar o seu olhar é sentir
a moeda a embater-me contra a perna vezes sem conta
e eu tão alta, pequena, sob o seu olhar altivo, baixar-me
para recuperar a moeda rejeitada
e depois disso para apanhar todas as moedas
que encontro na rua.
Tenho encontrado moedas todos os dias
e na minha muito pessoal superstição
Ignorar uma moeda caída mesmo que muito pequena,
é desprezar uma oportunidade porque
as moedas nunca são só moedas, são sortes sortidas.
Por exemplo, A moeda que hoje me fez recuar
era um poema.

V

VANDA ECM (Sem título - José Rui Teixeira)

Ensaio a mentira diante do espelho:
sou do tempo dos grandes cetáceos.
Repito:
sou do tempo dos grandes cetáceos.
Um dia morrerei
e não será tarde
Repito.
Está frio.
Um poema devolve-me à infância.
É mentira.
Um poema numa língua morte.
A esperança que reside na palavra ainda.
Digo ainda diante do espelho.
É mentira.

Penso nos grandes cetáceos.
Não será tarde.
E estar frio é só um modo de olhar o mundo.

OLGA COVAL (Sem título – Nuno Moura)

é de origem entronca e de pais separos
e teve mais de noventa mil pessoas delírias
no estádio das antas para o lançamento
do seu último livro de poesia.
seguiu em turné por paranhos bessa
e depois são luis pelo sul
tendo uma andança de três ponto um milhões
só em vendas estádias.
Somando a viagem recitária
as exportações para o resto do mundo
e o residual fotocópio
totobola para cima de quinze ponto sete milhões
de livros.
só em receitas publicitárias com telecele pêê cêpê
renô náique sequipe e ibêéle
fala-se de valores na casa dos champálimôs.
portugal é um país de poetas ricos.

a poesia dá dinheiro a portugal.

CATARINA MATOS (Lua Cheia – Vasco Gato)

nas palavras lavo os panos tristes
que ao fim de uma estação retêm agora
a sensação dos dias, o lume dos passos.
sinto que é um outro tempo
um outro jeito de dobrar esquinas,
um outro modo de pisar a terra - é tudo isto comprimido num pulso,
cingido dentro de veias como pequenas vozes
mudadas em canção ao acordar do ano.

vem, vem comigo, neste magnífico nascimento
ouvir bater a espuma do cinzeiro das rochas,
e deixar passar as horas como quem flutua
à tona do tempo, inteiramente mergulhado no mundo
- vem dormir sob o luminoso manto da lua cheia.

hei-de dizer-te um dia
como se escolheu a cor do mar

LURDES TELMO (Sem título – André Tecedeiro)

Na meia idade as noites são outras.
Cinemas fecharam,
cinemas abriram

É estranho como fui ganhando a forma
de uma seta que trespassa o tempo.

Estou desta idade em que nos entalamos
entre uma geração mais nova e
outra mais velha que nós
e não nos distinguimos assim tanto
nem de uma nem de outra.

Num dia almoço ideais,
noutro doem-me as costas.

Mas acima de tudo há um bom tempero,
Um delicioso sabor em tudo,
Nesta idade em que vivemos, sobretudo
Das escolhas que fizemos.

RUI AMADO (Cadáver esquisito 5 – Miguel Martins)

Quando atendo o telefone e ouço «Então, grande poeta?»,
Já sei que ou é a benevolência do Levi ou és tu,
amargurado com incensos e desprezos
tão descabidos uns como os outros,
e sobretudo por te ter calhado a ponta mais curta do pau.
Porque sim, estes gajos enchem a boca e as páginas dos jornais
Com uns cantozecos mais ou menos despenteados,
bonecos, zangados, melosos, assim-assim, e, não fosse o povo,
que ainda o há
pouco se falava de ti.

Mas, sabes, no outro dia estava a ver um programa de televisão norte-americano
e apareceu um rapaz a tatuar a tua cara num braço.

Era teu filho e, embora não te tivesse conhecido, não te queria esquecer.

Digam o que disserem,

nunca serei um grande poeta,

até porque isso é coisa que já não se usa,

MAS tu, sim tu, serás sempre o rei da canção romântica.

Agora tenho de desligar.

Desculpa. Obrigado, Tony de Matos. E um abraço

